

O LADO OBSCURO DO SALVAMENTO NO MAR¹

Douglas Booth

Universidade de Otago

Dunedin, Nova Zelândia

doug.booth@otago.ac.nz

Resumo

Durante a maior parte do século XX, a Associação de Salvamento no Mar (SLSA, na sigla em inglês) mandou no santuário recreativo mais sagrado da Austrália: a praia. No final dos anos 1990, Ed Jaggard surgiu como o principal historiador dessa instituição. Este artigo examina duas das alegações principais de Jaggard: que as mulheres desempenharam um papel muito mais ativo no movimento do salvamento no mar do que os críticos admitem; e que a associação de salvamento no mar permitia altos níveis de hedonismo entre seus membros.

Palavras-Chave: salvamento no mar; Austrália; praia.

Abstract

Analyzing disputes in Sport History: the surf lifesaving debate

For most of the twentieth century, the Surf Life Saving Association (SLSA) lorded over the most sacred recreational shrine in Australia – the beach. In the late 1990s, Ed Jaggard emerged as the foremost historian of this institution. This article examines two of Jaggard's principal claims: that women played a far more active role in the surf lifesaving movement than critics admit, and that the surf lifesaving association sanctioned high levels of hedonism among its members.

Keywords: surf lifesaving; Australia; beach.

Durante a maior parte do século XX, a Associação de Salvamento no Mar (SLSA, na sigla em inglês) mandou no santuário recreativo mais sagrado da Austrália: a praia. No final dos anos 1990, Ed Jaggard surgiu como o principal historiador dessa instituição icônica australiana. Dois objetivos sustentam o trabalho de Jaggard. Primeiro, ele rejeita as histórias ortodoxas que celebram e glorificam os adeptos do salvamento no mar (salva-vidas) como

¹ Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, volume 29, n. 1, primavera de 2002, p. 7-13. Traduzido com autorização dos autores e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte. (Nota do editor)

humanitários e salvadores. Segundo, ele busca corrigir historiadores sociais críticos que têm descartado os adeptos do salvamento no mar como grosseirões misóginos beberrões de cerveja. Resumindo, Jaggard tenta mediar os trabalhos de incentivadores e críticos da SLSA. O forte de seu trabalho é a pesquisa empírica. Ele explorou as histórias de dezenas de clubes de salvamento no mar; desbravou as minutas do Conselho Nacional, órgão diretivo da SLSA; e entrevistou um amplo leque de membros comuns e dirigentes. No entanto, Jaggard ainda não me convenceu inteiramente que os críticos estão de todo errados em suas conclusões sobre o “lado obscuro” da cultura do salvamento no mar. Este artigo examina duas das alegações principais de Jaggard: que as mulheres desempenharam um papel muito mais ativo no movimento de salvamento no mar do que os críticos admitem; e que a associação de salvamento no mar permitia altos níveis de hedonismo entre seus membros.

Jaggard refuta os críticos que alegam que as mulheres basicamente serviram ao salvamento apenas com trabalho doméstico e decorativo, antes de sua admissão oficial no movimento como membras efetivas, em 1980. Ele cita numerosos exemplos de mulheres fazendo treinamento, marchando, correndo, nadando e remando, e mesmo de mulheres se qualificando para o medalhão de bronze² e realizando patrulhamento (JAGGARD, 1997, p. 187-9; 1999, p. 29).

² A conquista do medalhão de bronze é o requisito básico para se tornar um membro efetivo do salvamento no mar. O candidato consegue o medalhão após passar uma série de provas práticas e teóricas. (NE)



Largada da “corrida do mar”³, Manly Beach, anos 1940. Cortesia Dupain’s Beaches, Chapter & Verse, Sydney.

Contudo, não é difícil conciliar essas posições aparentemente contraditórias. Quase todos os exemplos de Jaggard datam da segunda metade dos anos 1920 e da primeira metade dos 1930, antes do Conselho Nacional consolidar sua autoridade como órgão governante sobre os clubes. Os exemplos de Jaggard também são extraídos de fora da área metropolitana de Sydney, bem distante olhar bisbilhoteiro do Conselho. De fato, os casos de Jaggard

³ A “corrida do mar” (*surf race*) consiste numa competição que alia natação e um pequeno trecho de corrida na areia. É disputada por membros dos clubes de salvamento (NE).

baseiam-se principalmente em três clubes de Perth – do outro lado do continente. Em dado momento, ele cita um membro original do Clube Cidade de Perth que recordou haver mulheres trabalhando “tão duro e por tanto tempo” quanto os homens; era um clube “unissex”, em que mulheres “eram escaladas para as patrulhas” e “competiam contra os homens nos eventos [esportivos]” (JAGGARD, 1997, p. 188). Mas o Clube Cidade de Perth dificilmente era representativo. Como o vizinho Clube de Salvamento no Mar Cottesloe, tinha suas origens na humanitária Sociedade Real de Salvamento (RLSS, na sigla em inglês), uma organização que tinha atitudes mais progressistas nas questões de gênero e treinava alegremente mulheres e homens.⁴ Na Nova Zelândia, onde a RLSS controlou o salvamento no mar até os anos 1930, as mulheres permaneceram membras ativas dos clubes de salvamento no mar até o início da década de 1950. Ironicamente, as mulheres vão sumindo do movimento do salvamento no mar do outro lado do Mar da Tasmânia após a Associação de Salvamento no Mar da Nova Zelândia estabelecer laços administrativos e competitivos com a SLSA australiana. O terceiro clube de Perth que Jaggard usa para construir seu caso é o North Cottesloe. Era atípico demais, formado principalmente por famílias da classe trabalhadora que não praticavam as relações de gênero da classe média (BOOTH, 2001, p. 70-72; JAGGARD, 1999, p. 29-30; HARGREAVES, 1994).

A esmagadora maioria das evidências, em dezenas de histórias de clubes produzidas por historiadores amadores e reforçadas pelos trabalhos do historiador profissional Sean Brawley, indica que as mulheres serviram ao salvamento como membros de comitês femininos ou de apoio, auxiliando na organização de eventos sociais e atividades para angariar recursos ou, no caso do Clube de Salvamento no Mar de North Wollongong (Nova Gales do Sul), “fazendo sanduíches” (PALMER, 1997, p. 150).

⁴ A Associação de Banho de Mar de Nova Gales do Sul, predecessora da SLSA, suplantara a RLSS como principal associação de salvamento das praias da Austrália antes da Primeira Guerra Mundial. Ver Booth (2001, p. 70-72).

Isto não quer dizer que os homens não apreciavam as mulheres e suas contribuições para a vida nos clubes. Em uma assembleia geral anual, o Clube de Praia Palm Beach preparou uma homenagem especial à vice-presidente, Alrema “Sammy” Samuels. Os membros receberam-na com “uma interpretação entusiasmada” de “For She’s a Jolly Good Fellow”⁵ e presentearam a renomada surfista com uma miniatura de prancha de surfe folheada a ouro (BRAWLEY, 1996, p. 45). Também há registros de dirigentes masculinos que individualmente tentaram contornar as diretivas da Associação contrárias às mulheres. No verão de 1928-1929, Madge Brown, membra do Clube de Praia Feminino Collaroy, entrou num mar turbulento e ajudou um homem que se afogava, até que dois salva-vidas homens o retiraram da água. Após o incidente, o secretário do Clube de Salvamento Collaroy, Bert Chequer, propôs que seu clube treinasse mulheres para o certificado de proficiência da Associação, qualificação que envolvia aspectos de salvamento marítimo baseados em terra, como operar carretéis e linhas⁶ e prestar primeiros-socorros. Chequer recrutou cinco mulheres e lhes deu treinamento de alto nível. Mas dirigentes da Associação recusaram-se a considerar a possibilidade de um teste para as mulheres (BRAWLEY, 1995, p. 77-78).

Como coloca o historiador Bede Maxwell (1949), na década de 1930, as praias de mar aberto australianas haviam se tornado “baluartes de defesa da masculinidade”: [o lema] “sem mulheres – sem preocupações” estava “gravado no tecido do coração de cada membro do salvamento no mar, não importando o quão galante e cavalheiro fosse fora de serviço” (p. 201-202). Em outras palavras, no clima patriarcal da Austrália do entreguerras, iniciativas puramente individuais não tinham impacto institucional ou social.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a SLSA da Nova Gales do Sul recusou-se a permitir que mulheres patrulhassem as praias na ausência de homens (BRAWLEY, 1995, p.

⁵ Música tradicional em inglês, cantada para homenagear alguém. Versão em português: “Fulano é um bom companheiro / ninguém pode negar” (NE).

⁶ Usados para puxar as boias de salvamento (NE).

166). Após a guerra, o presidente do Clube de Salvamento no Mar Bondi, Tom Meagher, alegou que a existência de mulheres salva-vidas desafiaria as leis da criação:

[Quando] o Criador (...) criou Adão, ele o desenhou para se encaixar num cinto de salvamento, aguentar a pressão e os puxões (...) entrar lutando e forjando um caminho pesado entre as ondas, e então suportar toda a tensão da puxada de volta à areia, ele e o banhista (ou banhistas) (...) em seu peito. Pode alguém sugerir que Ele desenhou Eva para aguentar tal castigo? (PEARSON, 1982, p. 128)⁷

É claro que os criativos argumentos criacionistas de Meagher ignoram o fato de que a natação, em todas as suas formas, é antes de tudo uma atividade técnica e independente de força. Nem considera a possibilidade de modelos alternativos de cinto.⁸

Incidentes sucessivos provavam que Meagher e seus colegas estavam errados, mas eles se agarravam teimosamente a suas crenças míopes. Não raro, sua intransigência teve efeitos lamentáveis. Em 1943, Betty Abbott, uma campeã de nado peito da Nova Gales do Sul e magnífica nadadora no mar, testemunhou uma corrente puxar um homem para longe da areia em Collaroy. Como Brawley (1995) descreve:

Abbott e suas amigas correram para a sede do clube, mas a encontraram trancada. Sem alternativa, arrombaram a porta e pegaram o carretel. Abbott então vestiu o cinto, com suas amigas operando o carretel e a linha. Nadando vigorosamente, ela alcançou o banhista e ambos foram puxados em segurança até a areia (p. 166-167; ver também Jaggard, 1999, p. 36).

Em vez de elogiar o heroísmo das mulheres, os dirigentes as repreenderam por entrarem sem autorização no clube.

Os salva-vidas (adeptos do salvamento no mar) consideravam as sedes dos clubes um espaço sagrado masculino. Em Palm Beach, a cláusula 38 das regras do clube decretava:

⁷ Ver também “Believes Women ‘Too Weak’ for Surf Events”. Sydney Morning Herald, 11 Mar. 1953.

⁸ Durante a maior parte do século XX, a SLSA adotou o carretel e cinto como principal equipamento de resgate. Vestindo um cinto atado ao peito e amarrado a uma linha enrolada num carretel, os salva-vidas nadavam até os banhistas, seguravam-nos e eram puxados de volta à areia por uma equipe.

“Nenhuma mulher pode adentrar a sede do clube ou seu terreno, exceto se convidada pelo Comitê”. Certa vez, em 1937, tarde da noite, na companhia de um ex-secretário do clube, George Wray, uma torcedora usou um banheiro da sede, infringindo a cláusula 38. Na sequência, dirigentes intimaram Wray a comparecer a um comitê disciplinar para “expor os motivos pelos quais não deveríamos solicitar seu desligamento”. Wray tentou distanciar-se de sua acompanhante. Na audiência, declarou que “sugerira” a ela que usasse “os espaços abertos”. O impiedoso comitê suspendeu-o por um mês (BRAWLEY, 1996, p. 46). Wray traíra seus irmãos.

Mesmo quando certos clubes, isoladamente, relaxavam as regras proibindo mulheres, a cultura da exclusividade masculina se mantinha firme. Em 1949, o Clube de Salvamento no Mar de Torquay, em Victoria, decidiu permitir que participantes do Corpo Feminino de Apoio entrassem nas dependências do clube. Tal era o “grau de hostilidade tácita” dirigida às mulheres no clube que poucas se deram ao trabalho de aproveitar a nova regra (POLLARD, 1996, 123-4). Na década de 1950, o Clube de Salvamento no Mar Surfers Paradise, em Queensland, finalmente permitiu a entrada de mulheres na sede, mas apenas nas noites de domingo, para cozinhar o jantar!⁹

Exceções isoladas permitem estudos de caso interessantes, mas não retificam a conclusão de Sean Brawley (1996) de que, “por volta do início dos anos 1930, o salvamento no mar era uma instituição marcadamente masculina” (p. 46)

E o que dizer da alegação de Jaggard de que a SLSA permitia altos níveis de hedonismo entre seus membros? Jaggard sustenta que surfistas hedonistas constituíam um grupo considerável no interior do movimento do salvamento, e quando eles não estavam em

⁹ Filme *Bronzed Aussie Gods* (Deuses australianos bronzeados), produzido por Nick Bleszinski (Bryon Bay Light Source Films, 1999). De acordo com uma antiga integrante do Corpo de Apoio em Surfers Paradise (Sra. Kolkka), antes de permitir a entrada de mulheres na sede, os homens obrigavam suas companheiras a “esperar do lado de fora até que eles terminassem o que estavam fazendo, e então nos levavam para casa”.

patrulhamento, “viajavam para longe em busca de (...) ondas perfeitas”. Referindo-se à famosa fotografia de Adrian Curlewis, presidente da SLSA por muitos anos, realizando uma manobra de ponta-cabeça sobre a prancha, Jaggard (1997) sugere que, dentro do homem que se tornou juiz e recebeu um título de cavaleiro, “se escondia o surfista hedonista sem freio em busca das emoções radicais do surfe” (p. 185, 187).

Ao identificar identidades múltiplas, Jaggard faz uma contribuição importante para a história do salvamento no mar. Mas identidades múltiplas devem ser avaliadas com cuidado, face à estrutura institucional que moldou a cultura do salvamento e às fortes pressões que a associação exerceu sobre os membros, para que contivessem seu hedonismo.

Em outro trabalho, argumentei que a SLSA adotou uma ideologia peculiar combinando humanitarismo e devoção excessiva à prática de esportes atléticos. Foi uma estratégia deliberada para justificar seu direito de posse sobre a praia, tendo em vista a oposição dos moralistas de classe média aversos à exposição pública de banhistas com pouca roupa. Foi também uma estratégia para convencer os conselhos locais, indecisos a respeito das hordas de banhistas que invadiam seus recantos bucólicos. Coerentes com aquela ideologia, os adeptos do salvamento no mar disciplinavam quem fosse à praia e constrangiam seu próprio hedonismo (BOOTH, 2001, p. 39, 65-75). Egbert Russell, que comentava a cultura de praia australiana no início do século XX, noticiou salva-vidas no subúrbio de Manly, em Sydney, policiando com rigor os frequentadores da praia: “Dois jovens puxavam um terceiro pelos fundilhos em direção à água, mas um salva-vidas lhes ordenou que parassem”, e um “salva-vidas ordenou com severidade que uma garota parasse de mergulhar pulando dos ombros de seu acompanhante masculino”. Graças à

intervenção dos salva-vidas, prossegue Russel, “decerto é raro alguém ouvir falar de um incidente que não seria condenado pelo Conselho de Igrejas”.¹⁰

As regras de North Wollongong proveem *insights* sobre a estrutura institucional do salvamento: “Quando o apito toca, às 9h50, é para lembrar aos membros ativos que se formem na frente do clube e que estejam prontos para a inspeção, [resgate e ressuscitamento] e a prova [do medalhão] de bronze. No apito final, às 10 horas, a prova começa” (PALMER, 1997, p. 184).

Em seu estudo pioneiro sobre surfistas e adeptos do salvamento no mar na Austrália e na Nova Zelândia, Kent Pearson (1979) encontrou muitos salva-vidas descendo ondas com pranchas. Contudo, de acordo com ele, surfistas e salva-vidas concebiam a atividade em termos distintos. Os primeiros buscavam interesses “prazerosos” em vez de “comuns”, e os *picos* de surfe de fato os colocavam em ambientes competitivos. Em contraste, os salva-vidas enfatizavam os “aspectos sociais” e avaliavam o surfe em termos de camaradagem e cooperação (p. 91, 152).

Greg Noll, um membro da equipe de salvamento estadunidense que introduziu o longboard na Austrália durante uma visita em 1956, confirma a conclusão de Pearson:

A ideia de encontrar um *surf spot* em um lugar distante não estava em questão na Austrália, naquela época. À medida que viajávamos de um [festival de salvamento no mar] para outro, víamos numerosos lugares excelentes pelo caminho. Me lembro de um lugar por que passamos. Você olhava para baixo num penhasco e, a uma milha de distância, apareciam aquelas linhas enfileiradas, onda após onda. Estávamos na traseira de um caminhão, com nossas pranchas, e comecei a bater na cabine. O motorista, um australiano, parou e me perguntou: “O que houve, rapaz?” Respondi: “Meu Deus! Olha as ondas lá embaixo! Alguém já surfou ali?” O cara achou que eu era louco. Ele disse: “Por que alguém iria querer descer até lá?” Tipo, como não havia um clube naquela praia, o que eu poderia querer nela? Ele se recusou a levar-nos até lá (NOLL e GABBARD, 1989, p. 71).

¹⁰ Egbert Russel. “Australia’s amphibians”. Lone Hand, 1st. Jan. 1910, p. 265.

A determinação de Jaggard de refutar “imagens públicas simplistas” de uma associação “unívoca” formada por sentinelas altamente disciplinados também chama nossa atenção para outro aspecto crucial da cultura do salvamento no mar, a “postura altamente desordeira”. O comportamento dos salva-vidas, nota Jaggard (1997), “às vezes estava perigosamente próximo do de foras-da-lei, demonstrando, com prazer, desprezo em relação às autoridades. Os eventos sociais nos clubes eram desculpas para bebedeiras homéricas” (p. 183, 187, 189-190).¹¹ Sean Brawley (1996) apresenta numerosos exemplos em suas histórias dos clubes de Palm Beach e Collaroy. Em 1949, 14 membros do Palm Beach invadiram uma festa numa casa. Eles “roubaram comidas e bebidas, quebraram o interruptor ao ligarem e desligarem a luz e insultaram a anfitriã. Um membro (...) derrubou o anfitrião quando este tentou repreender o grupo” (p. 109). Noutra ocasião, “o dono do Newport Arms Hotel expulsou todo o clube após um membro atirar uma garrafa na tela da televisão do hotel” (p. 130). Certa vez, uma corte de magistrados local condenou e multou seis membros do Clube Collaroy por depredação dolosa. Após ficar bêbado, o grupo acendeu uma fogueira na praia, alimentada com placas da Prefeitura, um corrimão de madeira arrancado da escada que levava à areia e estacas de madeira retiradas da cerca de um hospital local (BRAWLEY, 1995, p. 187-189).

O ponto-chave aqui é que a postura desordeira e o vandalismo não contradizem a “imagem conformista” do salvamento no mar. O próprio Jaggard (1997) faz uma observação importante nesse contexto, quando afirma que “disciplina e postura desordeira (...) são lados opostos da mesma (...) moeda” (p. 190). Sociólogos argumentam há bastante tempo que muito do comportamento antissocial de grupos esportivos – brigas, canções e linguagem

¹¹ Ver também Galton (1984, p. 60).

obscenas, nudez, embriaguez e depredação de propriedade – não é noticiado ou é ignorado, ou mesmo socialmente aceito, porque especialmente as classes médias veem o fenômeno como exibicionismo juvenil inocente ou comportamento catártico. Isso é verdade, sobretudo quando os perpetradores se abrigam em instituições como os clubes de salvamento.

O sociólogo John Loy (1995) oferece uma explicação poderosa para o comportamento antissocial, ou masculinidade crua, encontrado em culturas esportivas tradicionais. A própria estrutura do salvamento tradicional preenche os critérios para seu conceito de fratriarquias agonísticas – uma irmandade formada por homens que competem entre si em disputas físicas para obter prestígio. Primeiramente, os salva-vidas eram membros de grupos tribais modernos (p. 266-267). Grupos tribais modernos oferecem aos jovens camaradagem, um senso de ter sua própria comunidade, excitação, aventura e a oportunidade de liberar agressão juvenil por meio de façanhas físicas inócuas, e, às vezes, imaturas (LOY, 1995, p. 267). Segundo, iniciantes que buscam entrar nas fratriarquias são submetidos a formas diversas de mutilação corporal, testes físicos e ofensas verbais. Ritos de iniciação são os meios estruturais e simbólicos pelos quais os membros de fratriarquias agonísticas se unem (p. 270-271). O sistema probatório no Clube de Salvamento no Mar Palm Beach era cheio de ritos de iniciação. Os novos membros – conhecidos como novatos – tinham que “passar por algumas provas informais”, incluindo beber misturas como sopa de tomate batizada com gim. À medida que o sistema se desenvolveu, membros plenos podiam solicitar aos novatos que fizessem algo risível ou braçal. Uma dessas tarefas era o relógio de cuco humano – entrar com o peito empinado no salão a cada quinze minutos e gralhar. Novatos também eram acossados fisicamente e privados de sono (BRAWLEY, 1996, p. 136). Nas tardes de domingo, membros do Clube de Salvamento no Mar de Collaroy costumavam cavar na areia um buraco com cerca de seis pés de profundidade e atirar os garotos nele. À medida que a tarde avançava

e ficavam mais e mais embriagados, os salva-vidas se divertiam urinando e vomitando sobre os impotentes prisioneiros (YOUNG, 1998, p. 10). Cantar como um cuco, engolir molhos crus, tomar cerveja quente podem parecer rituais de iniciação benignos. Mas, ao enfatizar “dureza, capacidade de suportar a dor e humilhação, obediência aos superiores, e o [uso de] força para obter adesão”, as fraternidades estimulam “um estilo interpessoal” que privilegia “confiança e lealdade intragrupo” em detrimento de preocupação com o bem-estar dos outros. Este é o terceiro critério de Loy (1995) para seu conceito de uma fratriarquia agonística: na medida em que os membros “menos machos” desistem devido à pressão, culturas fraternais radicais podem surgir (p. 271). O Clube de Palm Beach é um caso: muitos membros que não haviam experimentado trato semelhante em outras fraternidades, notadamente colégios internos e dormitórios de universidades, desligaram-se do clube e deixaram para trás uma fratriarquia agonística forte e completa (BRAWLEY, 1996, p. 136). Quarto, nas palavras de Loy, “fratriarquias estimulam a dominação masculina de, pelo menos, três maneiras: elas reúnem homens, os mantêm unidos, e inferiorizam as mulheres (p. 267).

Concluindo, Jaggard precisa considerar as fortes pressões sociais exercidas no início do movimento no sentido de se eliminar o hedonismo. Não obstante identificar um aparente paradoxo – a presença de comportamento desordeiro numa instituição esportiva conservadora –, insisto que ele subestima a estrutura institucional disciplinadora que deu forma à cultura do salvamento, em seus primórdios.

Referências bibliográficas

BOOTH, Douglas. *Australian Beach Cultures: The History of Sun, Sand and Surf*. London: Frank Cass, 2001.

BRAWLEY, Sean. *Vigilant and Victorious: A Community History of the Collaroy Surf Life Saving Club, 1911-1995*. Sydney: Collaroy Surf Life Saving Club, 1995.

BRAWLEY, Sean. *Beach Beyond: A History of the Palm Beach Surf Club, 1921-1996*. Sydney: University of New South Wales Press, 1996.

GALTON, Barry. *Gladiators of the Surf*. Sydney: Reed, 1984.

HARGREAVES, Jennifer. *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports*. London: Routledge, 1994.

JAGGARD, Ed. Chameleons in the Surf, *Journal of Australian Studies*, v. 53, p. 183-191, 1997.

JAGGARD, Ed. Australian Surf Life-saving and the Forgotten Members. *Australian Historical Studies*, v. 30, p. 23-43, 1999.

LOY, John. The Dark Side of Agon: Fratriarchies, Performative Masculinities, Sport Involvement and the Phenomenon of Gang Rape. In: BETTE, K. H.; RUTTEN, A. *International Sociology of Sport Contemporary Issues: Festschrift in Honor of Günther Luschen*. Stuttgart: Nagelschmid, 1995, p. 263-281.

MAXWELL, C. Bede. *Surf: Australians against the Sea*. Sydney: Angus and Robertson, 1949.

NOLL, Greg; GABBARD, Andrea. *Da Bull: Life Over the Edge*. Berkeley, CA: North Atlantic Books, 1989.

PALMER, John. *History of North Wollongong Surf Life Saving Club, 1908-1996*. Wollongong, N.S.W.: North Wollongong Surf Life Saving Club, 1997.

PEARSON, Kent. Conflict, Stereotypes and Masculinity in Australian and New Zealand Surfing. *ANZJS (Australian and New Zealand Journal of Sociology)*, v. 18, p. 117-135, 1982.

PEARSON, Kent. *Surfing Subcultures of Australia and New Zealand*. Brisbane: University of Queensland Press, 1979.

POLLARD, Ken. *History of Torquay Surf Life Saving Club*. Torquay, Victoria: Torquay Surf Life Saving Club, 1996.

YOUNG, Nat. *Nat's Nat and That's That*. Angourie, New South Wales: Nymboida Press, 1998.